

# DOGMATISMO, ALIENAÇÃO E MISÉRIA CULTURAL UMA REFLEXÃO SOBRE O JULGAMENTO DO MACACO SCOPES

## DOGMATISM, ALIENATION AND CULTURAL MISERY - THINKING ABOUT THE SCOPES MONKEY TRIAL

Marcus Fernando Fiori  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Miguel Nenevê  
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

**RESUMO:** Esse artigo analisa o filme *O vento será tua Herança (Inherit the Wind)* à luz da alienação religiosa que acomete todas as sociedades humanas desde os primórdios até os dias atuais. O filme trata do julgamento do professor John Thomas Scopes na cidade de Dayton, no estado americano do Tennessee no ano de 1925, conhecido pelo epíteto ridicularizador de “O julgamento do macaco”. O filme de Stanley Kramer – produção americana de 1960 – conta a história do professor Scopes, que foi levado a julgamento porque ensinou em suas aulas as idéias evolucionistas de Charles Darwin, proscritas naquele Estado por irem contra a teoria criacionista bíblica. O caso atraiu enorme atenção internacional porque o que estava em jogo era basilar para a estrutura social ocidental, o homem via-se ameaçado de ter desacreditado uma explicação que não admitia confronto por mais de um milênio, ele mais uma vez se via perante a iminência do triunfo de uma blasfêmia, como vinha acontecendo desde o Renascimento. O artigo relaciona outros filmes e literaturas a fim de demonstrar que a religião é uma muleta que o homem criou para si mesmo e que acabou se tornando parte de seu corpo. O homem simplesmente não consegue perceber que suas pernas já estão curadas e continua a se apoiar na muleta como se fosse um aleijado.

**Palavras-chave:** Religião. Alienação. Darwinismo. Criacionismo. Evolucionismo.

**ABSTRACT:** This article analyzes the film *Inherit the Wind* through the religious alienation that affects all human societies since the beginning until today. The film deals with the trial of a teacher, John Thomas Scopes, in the city of Dayton, the U.S. state of Tennessee in 1925, known by the scoffer epithet of "The Monkey Trial". The film by Stanley Kramer – an American production of the 1960's – tells the story of Scopes, who was brought to trial because he taught the evolutionary ideas of Charles Darwin his classes in, outlawed in that state by going against the biblical creationist theory. The case attracted enormous international attention because what was at stake was fundamental to the Western social structure and the man saw himself threatened to have discredited an explanation that did not allow confrontation for more than a millennium, he once again saw the face of imminent the triumph of blasphemy, as had been happening since the Renaissance. The article lists other films and literature to show that religion is a crutch that man has created for himself and which became part of his body. The man just can't see that his legs are healed and continues to rely on crutches like a cripple.

**Keywords:** Religion; Alienation; Darwinism; Creationism; Evolutionism.

### 1. INTRODUÇÃO

“No princípio, criou Deus os céus e a terra”. (*Bíblia Sagrada. Gênesis, cap. 1:1*)

“E disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...’” (*Bíblia Sagrada. Gênesis, cap. 1:26*)

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”. (*Bíblia Sagrada. Gênesis, cap. 1:27*)

*“A verdadeira dificuldade não está em aceitar idéias novas, mas em livrar-se das antigas”.*  
*John Maynard Keynes*

A história da humanidade se confunde com aquilo que mais a singularizou em todos os tempos que é a miséria cultural em que as massas sempre estiveram imersas. Nossa história é o relato fiel da história dos mitos, das superstições, da dominação pela força e da subserviência aos autoproclamados “senhores” do poder. Somente no final do século XX as relações humanas começaram a dar, embora timidamente, passos mais efetivos em direção a uma emancipação humana de si mesma. O homem precisa se reinventar, sua história parece não lhe ensinar muito. Práticas irracionais e vícios medievais persistem vigorosos ainda hoje e habitam o imaginário popular como leis naturais. Um amplo manancial de exemplos que atestam esta afirmação está nas religiões, que embora até propiciem um certo consolo a seus crentes através do torpor anestésico do arrebatamento do êxtase religioso, cobram, por outro lado, pesado tributo através de seus dogmas, declarando pecaminosos vários dos maiores prazeres da vida.

A religião cristã é por excelência a instituição depositária dos mitos bíblicos e, por consequência, fiel escudeira da alienação das massas. Ela, desde Constantino, sempre esteve de mãos dadas com o poder. O imperador foi o primeiro a lhe conferir ares institucionais no Estado Romano. Desde então, mesmo com a queda do império romano, o cristianismo se tornou não apenas um suplemento espiritual na cultura ocidental, orientando os cidadãos a seguir os princípios humanitários de seu mártir, mas sim o próprio espírito do mundo ocidental. O homem foi destituído quase que totalmente de sua individualidade e passou a fazer parte da “comunidade cristã”, relegando quem professasse diferente fé ao fétido *status* de infiel, merecedor de implacável e exemplar execução social.

Os procedimentos da igreja em nada se inferiorizavam em termos de crueldade, àqueles dos bárbaros *vikings* dos mares nórdicos, a intolerância muitas vezes desconhecia qualquer tipo de freio, as perseguições, embora nunca declaradas, estavam sempre na ordem do dia e a caça às bruxas era um artifício de eliminação de pessoas indesejáveis, ou seja, à pessoa que fosse odiada numa comunidade bastava ser declarada bruxa para ser, quase sempre sumariamente, execrada.

É difícil saber que proporção de tal intolerância se deveu à ignorância interpretativa do texto bíblico – o que nos levaria a ver os clérigos poderosos que mandavam executar ou matar os condenados como ingênuos fanáticos – e quanto se deveu a interesses políticos e de

dominação nunca declarados – que nos levaria a ver os clérigos poderosos que mandavam executar ou matar os condenados como corruptos assassinos destituídos de qualquer escrúpulo. Há quem acredite na primeira hipótese, o que não deixa de ser, por si só, mais um exemplo de como os mitos religiosos há muito incutidos em nosso imaginário, subsistem.

Toda essa observação é evidência de que transformações sociais significativas se constroem ao longo de vários séculos e não da noite para o dia como muitos revolucionários pretenderam e alguns ainda pretendem. O positivismo foi um exemplo fracassado de tal intento. Ao corretamente opor-se a qualquer tipo de essencialismo o positivismo erroneamente criou o seu próprio essencialismo ao não conseguir evitar que seus preceitos se tornassem dogmas e que um espírito mecanicista se precipitasse a reger as relações humanas, levando-as, contrariamente, a uma desumanização.

O homem, desde Copérnico, vem se sobressaltando com sucessivas derrocadas de verdades absolutas, como por exemplo, a da teoria geocêntrica, ou a descoberta de que os cometas (corpos então malditos, mensageiros de pestes, desgraças e mortandades, considerados sublunares) na verdade eram corpos supra lunares, dividindo com Deus um espaço que até então se considerava imaculado por ser a residência divina, ou ainda a crença de que no outro lado do oceano (futura América) viveriam antípodas que seriam homéricos monstros sanguinários. Mitos e mais mitos se despedaçam, alguns desaparecendo para sempre, outros resistindo mesmo em cacos, outros já esquecidos, ressuscitados, outros recriados em uma nova roupagem e, enfim, novos mitos aparecendo para ocupar as lacunas deixadas pelo extintos. Parece que o apego ao mito é tão vital quanto respirar ou tomar água para o homem de pouca ciência (e alguns de muita).

Mas o que torna uma crença em mito? Por que os próprios experimentos científicos, metodologicamente demonstrados e academicamente aceitos, não podem vir a tornarem-se mitos também, já que as leis físicas também, se consideradas a longo prazo, podem se volatilizar? É certo que precisamos de algum norte, algum referencial para chamar de certo para, a partir do qual, chamarmos os outros de errados. A sociedade se faz através de convenções. O semáforo, por exemplo, antes de um sinal luminoso e de um aparato de metal, plástico, vidro e fios, é um pacto social, mas a quem cabe decidir os termos dos pactos? Isso sempre foi e sempre será tarefa dos que detêm o poder. E até que ponto os que detêm o poder estão dispostos a, pelo menos temporariamente, ver o mundo a partir do ponto de vista do outro? Até que ponto estão dispostos a abrirem mão de privilégios assimilados desde sempre como naturalmente seus? O homem ocidental cristão que não pertence aos grupos

oligárquicos que dominam as pseudo-repúblicas, principalmente da América Latina, estão fadados, em vez de fazerem sua história, a padecerem.

## 2. O BÁRBARO ADORMECIDO

*“Não existe nada tão mau, selvagem e cruel  
na natureza quanto os homens normais”  
Herman Hesse*

Todos temos um bárbaro dentro de nós. Este “outro” eu hiberna placidamente, represado pela moral cristã em que fomos adestrados. Ele está ali, como um vulcão hibernante, mas sempre ali. O pânico é a chave da grade que o encerra. Sintomático foi o caso do pós 11 de setembro de 2001 nos EUA: toda pessoa que fosse ou parecesse de origem árabe dentro do território americano tinha que provar que não era terrorista para poder circular no país, mas mesmo assim sob intensa e sufocante vigilância. Isso demonstra que o pânico nos torna irracionais, obedecendo o mais cego instinto de sobrevivência.

O caso das “Bruxas de Salem”, ocorrido no estado de Massachussetts em 1692, em que moradores do então vilarejo de Salem, cristãos puritanos, ensandecidos pela descoberta de que algumas de suas munícipes estavam praticando vodu, aprendido com a escrava barbadiana Tituba, enforcaram dezenove pessoas, a maioria mulheres, espremeram um homem entre pedras até a morte e ainda, segundo a lenda, enforcaram um cachorro, suspeito de “encapetamento” canino, também é reflexo claro de como o cristão mais insuspeito podia (e alguns ainda podem) monstrualizar-se em questão de segundos quando sua concepção de mundo se vê contradita por quem quer que seja.

Há também que se considerar que dos 102 ingleses que chegaram a América para fundar Massachussetts, embora apenas 41 fossem puritanos, discriminados na Inglaterra por exigirem reformas radicais na igreja anglicana “pervertida” pelos prenúncios do liberalismo econômico europeu, conseguiram se impor e fazer com que se promulgasse uma constituição rudimentar em 1641 na colônia em que se bania toda religião que não o puritanismo. Os puritanos indiretamente expulsaram os adeptos da liberdade religiosa que não tiveram outro recurso senão se retirarem e fundaram Connecticut, Rhode Island, New Hampshire e Maine.

O caso das Bruxas de Salem inspirou Arthur Miller a escrever a peça teatral *The Crucible* (1953), que serviu como protesto contra a segunda caça às bruxas americana (desta vez contra os comunistas), que foi o macartismo, e também inspirou Nicholas Hytner a dirigir o longa *As Bruxas de Salem*, produção americana de 1996. O 11 de setembro então, assim

como o caso de Salem, são retratos históricos do que a histeria coletiva pode levar sociedades reacionárias a fazer, quando tomadas pela certeza de estão seguindo desígnios divinos.

### 3. *THE MONKEY TRIAL*

*“Se as portas da percepção estivessem livres, tudo se mostraria ao homem como é, infinito”*  
William Blake

Antes de refletir sobre criacionismo x evolucionismo há que se fazer notar que não existe apenas uma teoria criacionista na cultura humana, existem dezenas, aquela relatada pela Bíblia se impôs como única apenas por motivos de poder. Dentre as diversas teorias criacionistas, uma que merece destaque é a dos Incas, por sua capacidade de sintetizar as duas teorias antagônicas em uma só. Como este império (Inca), dizimado pelos colonizadores espanhóis da América, não desenvolveu a escrita, o que chegou até nós foi o texto escrito por um *criollo* peruano filho de um capitão espanhol e de uma princesa inca, chamado Inca Garcilaso de la Veja, que registrou relatos orais ouvidos de parentes por parte de mãe. No texto *El origen de los incas, reyes del Peru*, parte do texto maior *Comentarios Reales*, ele conta que o Deus Sol teria mandado à Terra um casal de irmãos: Manco Capac e Mama Ocllo, que também eram marido e mulher, para redimir as pessoas que naquele tempo

*vivían como fieras y animales brutos, sin religión, ni policía, sin pueblo ni casa, sin cultivar ni sembrar la tierra, sin vestir ni cubrir sus carnes, porque no sabían labrar algodón ni lana para hacer de vestir. Vivían de dos en dos, y de tres en tres, como acertaban a juntarse en las cuevas y resquicios de peñas y cavernas de la tierra; comían como bestias yerbas del campo y raíces de árboles, y la fruta inculta que ellos daban de suyo, y carne humana. Cubrían sus carnes con hojas y cortezas de árboles, y pieles de animales; otros andaban en cueros. En suma, vivían como venados y salvajinas...*  
(INCA GARCILASO DE LA VEGA)

Diferentemente de Adão e Eva, então os irmãos enviados não chegam à Terra para começar a linhagem humana, mas sim para retirar os seres primitivos das cavernas e árvores em que viviam e constituir comunidade. Essa explicação, apesar de mitológica, é muito mais crível que a mágico-realista estória da expulsão do Paraíso.

*El príncipe fue al Septentrión, y la princesa al Mediodía; a todos los hombres y mujeres que hallaban por aquellos breñales les hablaban y decían cómo su padre el Sol les había enviado del cielo para que fuesen maestros y bienhechores de los moradores de toda aquella tierra, sacándoles de la vida ferina que tenían, y mostrándoles a vivir como*

*hombres; y que en cumplimiento de lo que el Sol su padre les había mandado, iban a los convocar y sacar de aquellos montes y malezas, y reducirlos a morar en pueblos poblados, y a darles para comer manjares de hombres, y no de bestias...* (INCA GARCILASO DE LA VEGA)

Conceder status epistemológico ao Gênesis bíblico, portanto, é no mínimo um ato de violência contra as demais explicações provindas dos imaginários de outros povos, pelo menos para os dias de hoje.

O julgamento do professor John Thomas Scopes na cidade de Dayton, no estado americano do Tennessee no ano de 1925, conhecido pelo epíteto ridicularizador de “O julgamento do macaco”, originou o filme de Stanley Kramer *O vento será tua Herança* (*Inherit the Wind*), produção americana de 1960. O professor foi levado a julgamento porque ensinou em suas aulas as idéias evolucionistas de Charles Darwin, proscritas naquele estado por irem contra a teoria criacionista bíblica. O caso atraiu enorme atenção internacional porque o que estava em jogo era basilar para a estrutura social ocidental, o homem via-se ameaçado de ter desacreditado uma explicação que não admitia confronto por mais de um milênio, ele mais uma vez se via perante a iminência do triunfo de uma blasfêmia, como vinha acontecendo desde o Renascimento.

Num desesperado instinto de sobrevivência, não apenas cidadãos do município, mas pessoas vindas de diferentes regiões do país, lutaram com toda sua força, através de protestos e artifícios estratégicos para rechaçar o avanço da ameaça que vem das ciências profanas, de homens incrédulos e materialistas. Numa espécie de Antígone (1999) invertida, já que na tragédia grega o dilema da protagonista estava entre obedecer a Lei do Estado, vingativa e irracional, ou a Lei Divina, coerente e compassiva, no caso do macaco, o dilema residia em julgar se era justa a lei divina, indemonstrável e frágil perante os métodos científicos, ou a lei científica, repleta de elementos comprobatórios, porém, pobre em aceitação popular. O caso então ganha proporções épicas e como se trata de um julgamento moderno em um país que se julga berço da democracia no mundo, ambos os lados tiveram a oportunidade de justificar seus pontos de vista, saindo ao final o professor, e portanto, o evolucionismo, derrotado. A vitória da teoria criacionista naquela querela deve ser vista como natural já que se atentarmos para o fato de que até hoje, 2011, uma enorme parcela da população ocidental a tem, embora às vezes até envergonhada de admitir, como aceitável. Não se podia nem sonhar com sua derrocada naquele tempo, naquela sociedade ultra conservadora e naquele ambiente de resistência implacável.

#### 4. O DARWINISMO SOCIAL

*“O que tapa o ouvido ao clamor do pobre também  
clamará e não será ouvido”  
Provérbios 21:13*

A sociedade norte-americana que tanto relutou (e reluta) em aceitar o darwinismo, não teve (e não tem) maiores problemas em aceitar naquele país o darwinismo social. Esta teoria, que na verdade seria uma distorção das idéias de Darwin pelos então insipientes pensadores sociais do século XIX, visava a transferir os conceitos da evolução biológica para a esfera da compreensão das desigualdades sociais e ser a prova final da superioridade branca sobre o resto das etnias. Deste doentio sentimento brotou a eugenia, a eugenia positiva, as idéias de pureza de raça, o nacionalismo assassino e o Holocausto. Embora a eugenia tenha surgido na Inglaterra, criada pelo primo de Darwin, Francis Galton, foi nos EUA que ela encontrou pioneirismo legislativo, compulsivamente difundida pelo prestigioso biólogo Charles Davenport (que não é o advogado Davenport que aparece no filme *O vento será tua herança*) e promoveu institucionalmente atrocidades como esterilização coercitiva de negros, dementes, homossexuais, imigrantes não germânicos e quem quer que se considerasse incapaz, assim como a prática da eutanásia de indesejados. Foram esterilizadas 60 mil pessoas nessa época. Também se proibiu o acasalamento de pobres para evitar a “eugenia negativa” (degeneração da raça). O que se depreende então é que não apenas o fanatismo religioso exerce forte influência sobre aquela sociedade, mas também uma doentia soberba e complexo de superioridade.

#### 5. CONCLUSÃO

*“O macaco da floresta que se tornou macaco terrestre; o  
macaco terrestre que se tornou macaco caçador e; o macaco caçador  
que acabou por se tornar macaco culto”  
Desmond Morris*

As sociedades evoluem lenta e gradativamente. Tentar acelerar-lhes o passo é tarefa muitas vezes inglória e às vezes até temerária, punida com severidade. O importante não é decidir se é o criacionismo ou o evolucionismo que desvenda o mistério do surgimento do homem na Terra, já que as duas são meras teorias: a primeira, mítica e fundamentada na magia e a segunda, científica e embora fundamentada em demonstrações e estudos amplamente cancelados pela comunidade científica mundial, não deixa de ser apenas uma

possibilidade, passível de sofrer acréscimos, supressões ou correções. Então o que é realmente importante é apenas nos certificarmos de que nunca podemos nos fechar em nossas pré-concepções e que devemos garantir ao outro seu direito de expressão, sob pena de detrimirmos o avanço natural da sociedade. Também é necessário observarmos que como muitos eventos históricos apresentam comportamento cíclico, uma volta triunfal do criacionismo como tese majoritariamente aceita não pode ser de todo descartada. Num texto da *Folha Online* escrito em 22/03/2001, o articulista Helio SCHWARSMAN, repassando notícia lida na americana *Associated Press*, diz que

*...legisladores de Michigan (EUA) vão debater e possivelmente aprovar uma lei que determina que as escolas públicas do Estado ensinem “teorias alternativas à da evolução”, leia-se criacionismo... As crenças e hábitos dos norte-americanos constituem sem sombra de dúvida um dos paradoxos dos tempos modernos. É incrível que, na nação que mais produz ciência no planeta, boa parte da população acredite mesmo no criacionismo...*

Parece então que a promessa de escola e universidade laicas que se lê nas constituições dos países que se dizem não fundamentalistas do ocidente, não passa de uma utopia. A ciência não conseguiu obsoletar a religiosidade que, por sua vez, vem se modernizando e se apropriando da linguagem e do mundo das novas e naturalmente incrédulas gerações através de recursos estrategicamente elaborados para captação de novos rebanhos. A religião é uma muleta que o homem criou para si mesmo e que acabou se tornando parte de seu corpo. O homem simplesmente não consegue perceber que suas pernas já estão curadas e continua a se apoiar como se fosse um aleijado. O que devemos fazer em relação a isso? Nada, já que cada um absorverá da vida aquilo que sua capacidade de entender o mundo lhe permitir. O importante é pelo menos pensar que se é feliz.

## 6. REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA, português, livro de Gênesis

BRAGA, Marco. *Breve história da ciência moderna*, volume 1: convergência de saberes / Marco Braga, Andreia Guerra, José Cláudio Reis. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

BRAGA, Marco. *Breve história da ciência moderna*, volume 2: das máquinas do mundo ao universo-máquina / Marco Braga, Andreia Guerra, José Cláudio Reis. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

BRAGA, Marco. *Breve história da ciência moderna*, volume 3: Das luzes ao sonho do doutor Franksteisn / Marco Braga, Andreia Guerra, José Cláudio Reis. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BRAGA, Marco. *Breve história da ciência moderna*, volume 4: A Belle-époque da ciência / Marco Braga, Andreia Guerra, José Cláudio Reis. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

INCA GARCILASO DE LA VEGA El origen de los incas, reyes del Perú in *Comentarios Reales* disponível em [http://es.wikisource.org/wiki/Comentarios\\_reales :\\_3](http://es.wikisource.org/wiki/Comentarios_reales:_3) Acesso em: 06/02/2011

KRAMER, Stanley. *Inherit the Wind (O vento será a tua herança)*. [Filme-vídeo]. Produção de Stanley Kramer, direção de Stanley Kramer. Roteiro: Jerome Lawrence (peça), Robert E. Lee (peça), Nedrick Young (roteiro adaptado), Harold Jacob Smith (roteiro adaptado). Estados Unidos, 1960. 1 DVD, 128 min. P&B.son.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SCHWARSMAN, Hélio. O vento será tua herança in *Folha Online* Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartsman/ult510u356287.shtml> Acesso em 05/02/2011